

FILOSOFIA E POESIA

© Moinhos, 2020.

Filosofía y poesía; María Zambrano

© Fondo de Cultura Económica, 2016

Todos os direitos reservados. Cidade do México.

Esta edição consta de 500 exemplares impressos.

Edição: Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial: Karol Guerra

Revisão: Ana Kércia Felipe Falconeri

Diagramação e Projeto Gráfico: Editora Moinhos

Capa: Sérgio Ricardo

Tradução: Fernando Miranda

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/941

Z24p

Zambrano, María

Filosofia e Poesia / María Zambrano; traduzido por Fernando Miranda.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2021.

112 p. ; 14cm x 21cm.

Tradução de: Filosofía y poesía

Inclui índice.

e-ISBN: 978-65-5681-041-6

1. Literatura espanhola. 2. Poesia. 3. Filosofia. 4. Ensaaios.

I. Miranda, Fernando. II. Título.

2021-7

CDD 860

CDU 821.134.2

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura espanhola 860

2. Literatura espanhola 821.134.2

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

www.editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

[Facebook.com/EditoraMoinhos](https://www.facebook.com/EditoraMoinhos)

[Twitter.com/EditoraMoinhos](https://twitter.com/EditoraMoinhos)

[Instagram.com/EditoraMoinhos](https://www.instagram.com/EditoraMoinhos)

SUMÁRIO

À guisa de prólogo

Pensamento e poesia

Poesia e ética

Mística e poesia

Poesia e metafísica

Poesia

Notas de fim

À guisa de prólogo

Este livro – permitam-me dizer – nasceu, mais que construído, veio em um momento de extrema – não me atrevo a dizer – impossibilidade, o que não me parece tão excepcional, já que não se passa do possível ao real, mas, sim, do impossível ao verdadeiro. Por isso digo nasceu, que é o que para um ser vivente é o mais impossível, incluindo o animal, a planta, talvez a própria pedra, o que forma a órbita do verdadeiro universo e, assim, para não desanimar ao sempre inverossímil leitor, contarei um pouco como nasceu na cidade de Morelia, capital do estado de Michoacán, no México, em um outono de indescritível beleza.

Quem escreve estas linhas tinha ido, também de um modo inverossímil, para o México. E também inverossimilmente, esta atual edição preparei para uma coleção mexicana. Por que e como escrevo este livro? No quente outono de 1939? Lá pelo fim da guerra da Espanha, fui convidada para ir a Cuba e até insistentemente solicitada como professora de espanhol por alguma universidade norte-americana. Eu tinha ido, no início da guerra da Espanha, quando me casei, em setembro de 1936. Após uma longa e complicada travessia em um barco espanhol que partiu de Cartagena, ou seja, que tinha de atravessar o estreito de Gibraltar e entrar nas águas da Espanha imperial, chegamos a Havana, nessa embarcação que, como saberíamos depois, ia a Veracruz. Mas assim que chegamos a Havana, sob o poder do general Fulgencio Batista, o barco foi detido, sua tripulação encarcerada, e nós escapamos apenas por causa de um passaporte diplomático. Imagino já ter contado que justamente em um lugar chamado La Bodeguita de Enmedio, alguns intelectuais de esquerda, entre eles o muito jovem José Lezama Lima, que me surpreendeu pelo seu silêncio e por se referir ao pouco que eu tinha publicado na *Revista Occidente*, nos

ofereceram um jantar. E ainda ter visto o meu nome entre os professores – eu era apenas assistente – que fomos dar aula de filosofia nesse lugar ilustre. Também fui convidada a dar uma palestra no Lyceum Club Femenino, graças ao embaixador da Espanha que ainda estava lá. Nunca esquecerei, e cabe dizer que durante muitos anos também não foi esquecida, aquela minha palestra sobre meu mestre Ortega y Gasset. Mas o destino da viagem era o Chile, Valparaíso, e assim, através de um longo e penoso périplo, cruzamos de barco o canal do Panamá. Ali a paisagem de *Pablo y Virginia* apareceu por inteiro diante de mim. E a chegada do outro lado do oceano, em Balboa, quando o sol se punha. Fomos por cidades cujos nomes me pareciam irrealis, e embora eu soubesse que em Antofagasta, onde desde o Norte tinha que levar a terra, pois ali era completamente estéril, se falasse espanhol, fiquei maravilhada diante desse fato, como se não o soubesse. E por fim, para não me deter mais nessa inesquecível e decisiva viagem, chegamos a Valparaíso. E dali, através de um campo de cactos-candelabro, a Santiago do Chile. No exato momento em que subíamos as escadas do edifício da Embaixada, descia o embaixador, quem nos disse “não desfaçam as malas, porque o presidente da República acaba de me telefonar para romper relações com a Espanha”. Não foi assim, mais uma vez, mas a ameaça estava de pé.

E o que tudo isso tem a ver com o livro *Filosofia e poesia*? É que se trata da sua gênese, do seu nascimento. Meses depois, quando meu companheiro foi chamado ao recrutamento, decidimos voltar para a Espanha, no momento em que era mais evidente do que nunca a derrota da causa em que acreditávamos. E por que vocês retornam para a Espanha se sabiam muito bem que a causa estava perdida? Pois justamente por isso.

E assim, me aproximo a este livro *Filosofia e poesia*, que foi escrito quando, depois da derrota, fomos para o México. E tem uma ligação íntima, porque escrevi meu livro naquele outono mexicano como homenagem à Universidad de San Nicolás de Hidalgo, descendente direto dos estudos de humanidades,

fundada por don Vasco de Quiroga, não distante das margens do lago Pátzcuaro, que foi da Espanha até ali, a região dos índios tarascos, para fundar a Utopia da República Cristã de Thomas More. Para mim, é utópico escrever este pequeno livro, pois sendo irrenunciável na minha vida a vocação filosófica, era perfeitamente utópico que eu escrevesse, e mesmo explicasse, como fiz, filosofia, na Universidad de San Nicolás de Hidalgo.

Entendo por Utopia a beleza irrenunciável, e mesmo a espada do destino de um anjo que nos conduz até aquilo que sabemos impossível, como o autor dessas linhas sempre soube que a Filosofia, ela, e não por ser mulher, nunca poderia fazer. E a coincidência se revela até nas palavras, pois na minha adolescência me perguntavam, às vezes com compaixão, às vezes com uma ironia um tanto cruel, por que vai estudar filosofia? Porque não posso deixar de fazê-lo, e neste livro escrevi, naquele precioso outono de 1939, o quão utópico me parecia, no mais alto grau, poder escrevê-lo. E as utopias, quando são de nascimento, não podem ser discutidas, mesmo que se rebelem contra elas. A ocasião foi que no ano de 1940, se consideravam três universidades fundadas pelos “bárbaros espanhóis”, San Marcos de Lima, San Marcos de Guatemala e a Universidad que devia a sua existência aos estudos de humanidades fundada por don Vasco de Quiroga. De alguma maneira tinha de agradecê-lo, e aceitar a tarefa, ainda que de vez em quando me rebelasse contra este império de escrever o livro, não exigido academicamente, mas sim pessoalmente pelo meu então companheiro, que sem recursos foi imprimindo em uma gráfica em que só conseguia algumas folhas. Tremia, como tinha tremido ao ter que explicar na Cidade do México, como membro da Casa de España, as três conferências que formavam o volume *Pensamiento y poesia en la vida española*. Mas, precisamente quando era o momento de dar por terminado o curso da universidade, me pedia, por um mandato invisível que se encarnava nesse meu então companheiro, este livro que ofereço ao leitor, depois de ter sido publicado na própria Morelia, com alguns capítulos que compõem o livro já corrigidos à mão, nos

exemplares que me foram dados como presente pela universidade.

O primeiro capítulo deste livro foi publicado com mais certeza na revista *Taller*, fundada e dirigida pelo meu amigo e admirado Octavio Paz. Mas, no momento de prosseguir, já se tratava de um livro, já se tratava daquele anjo invisível e implacável que exige. Já não servia a obrigação, já era apenas questão de vocação, de utópica vocação.

Este livrinho teve uma segunda edição publicada nas *Obras reunidas* da Editorial Aguilar, que não corresponde à presente edição.

Mas agora renasce em mim o tremor do nascimento, como se o estivesse escrevendo agora, e apenas me atrevo a fazer por acreditar que o nascido deve ser acolhido, respeitado. Quem pode julgar uma coisa assim? Não quero fugir da minha responsabilidade. Se deve a uma condescendência, não à busca de uma altura. Se sabe que o mais difícil não é ascender, mas descender. Mas descobri que a condescendência é o que outorga legitimidade, mais do que a busca das alturas. A virtude da Virgem Maria foi não o elevar-se, mas o condescender; isso sim, não sozinha. Não pretendo que se cumpra em mim nem neste livro a virtude virginal. Não poderia ser. Mas vejo com clareza que vale mais condescender diante da impossibilidade do que andar, errante, perdido, nos infernos da luz. Julgue-me, pois, o eventual leitor, desde esse ângulo; que preferi a escuridão que em um tempo já passado descobri como penumbra salvadora a andar errante, perdida, nos infernos da luz. É minha justificativa. Julgue-me, pois, o amor, e se não sou digna de tanto, julgue-me, pois, a compaixão. E não digo mais, acredito que já é o bastante para o inverossímil, porém não impossível, leitor.

María Zambrano
Madrid, 15 de fevereiro de 1987

Pensamento e poesia

Apesar de que em alguns mortais afortunados, poesia e pensamento tenham podido aparecer ao mesmo tempo e paralelamente, apesar de que em outros ainda mais afortunados, poesia e pensamento tenham podido ocorrer em uma única forma expressiva, a verdade é que ao longo da nossa cultura, pensamento e poesia se enfrentam com toda gravidade. Cada um deles quer eternamente para si acolher a alma. E seu duplo puxão pode ser a causa de algumas vocações malsucedidas e de muita angústia sem fim, inundadas de esterilidade.

Porém, há outro motivo mais decisivo que não podemos abandonar e é que hoje poesia e pensamento nos aparecem como duas formas insuficientes; e nos surgem duas metades do homem: o filósofo e o poeta. Não se encontra o homem completo na filosofia; não se encontra a totalidade do humano na poesia. Na poesia encontramos diretamente o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser. A poesia é encontro, dom, achado pela graça. A filosofia busca, é requerimento guiado por um método.

É em Platão onde encontramos a luta com todo o seu vigor entre as duas formas da palavra, com a resolução triunfal para o logos do pensamento filosófico, decidindo o que poderíamos chamar “a condenação da poesia”; inaugurando o mundo do Ocidente, a vida penosa e à margem da lei, da poesia, seu caminhar por estreitas sendas, seu andar errante e por vezes extraviado, sua loucura crescente, sua maldição. Desde que o pensamento consumou sua “tomada de poder”, a poesia foi viver nos subúrbios, arisca e desterrada, dizendo aos gritos todas as verdades inconvenientes; terrivelmente indiscreta e rebelde. Porque os filósofos ainda não governaram nenhuma república, e a razão estabelecida por eles exerceu um império

decisivo no conhecimento, e aquilo que não era radicalmente racional, com curiosas alternativas, ou sofreu sua fascinação ou se alçou em rebeldia.

Não tratamos de fazer aqui a história dessas alternativas, ainda que já seria de grande necessidade, principalmente estudando suas íntimas conexões com o resto dos fenômenos que imprimem caráter a uma época. Antes de tal empresa, vale mais esclarecer o fundo do dramático conflito que motiva tais mudanças; vale mais olhar a luta que existe entre filosofia e poesia e definir um pouco os termos do conflito em que um ser necessitado de ambas se debate. Vale, sim, a pena manifestar a razão da dupla necessidade irrenunciável de poesia e de pensamento e o horizonte que se vislumbra como saída do conflito. Horizonte que ao não ser uma alucinação nascida de uma singular avidez, de um obstinado amor que sonha uma reconciliação para além da disparidade atual, seria simplesmente a entrada em um mundo novo de vida e conhecimento.

“No princípio era o verbo”; o logos, a palavra criadora e ordenadora, que põe em movimento e legisla. Com estas palavras, a mais pura razão cristã se encadeia com a razão filosófica grega. A vinda à terra de uma criatura que carregava em sua natureza uma contradição extrema, impensável, de ser ao mesmo tempo divino e humano, não deteve com seu divino absurdo o caminho do logos platônico-aristotélico, não rompeu com a força da razão, com sua primazia. Apesar da “loucura da sabedoria” flagelante de São Paulo, a razão como última raiz do universo continuava de pé. No entanto, uma coisa nova tinha advindo: a razão, o logos era criador, diante do abismo do nada; era a palavra de quem, falando, tudo podia. E o logos ficava situado para além do homem e para além da natureza, para além do ser e do nada. Era o princípio para além de todo o principiado.

Qual raiz pensamento e poesia têm em nós? Por agora, não queremos defini-las, mas achar a necessidade, a extrema necessidade que as duas formas da palavra preencham. A que amor necessitado elas vêm a satisfazer? E qual das duas necessidades é a mais profunda, a nascida em zonas mais

fundas da vida humana? Qual a mais imprescindível?

Se o pensamento nasceu da admiração apenas, segundo nos dizem textos veneráveis¹, não se explica com facilidade que fosse tão rapidamente se plasmar na forma de filosofia sistemática; nem que tenha sido uma de suas melhores virtudes a da abstração, essa idealidade conseguida no olhar, realmente, porém um gênero de olhar que deixou de ver as coisas. Porque a admiração que nos produz a generosa existência da vida a nossa volta não permite um desprendimento tão rápido das múltiplas maravilhas que a suscitam. E assim como a vida, esta admiração é infinita, insaciável e não quer decretar sua própria morte.

Porém, encontramos em outro texto venerável – mais venerável pela sua tripla auréola de filosofia, poesia e... “Revelação” –, outra raiz de onde a filosofia nasce: se trata da passagem do livro VII da *República*, em que Platão apresenta o “mito da caverna”: a força que origina a filosofia ali é a violência. E agora, sim, admiração e violência juntas como forças contrárias que não se destroem, explicam-nos esse primeiro momento filosófico em que já encontramos uma dualidade e, talvez, o conflito originário da filosofia: o ser primeiramente pasmo, extático diante das coisas, e o violentar-se em seguida para se livrar delas. Diria-se que o pensamento não toma a coisa que tem diante de si senão como pretexto, e que seu primitivo pasmo se vê em seguida negado e talvez traído por essa pressa de se lançar a outras regiões que lhe fazem romper seu êxtase nascente. A filosofia é um êxtase fracassado por uma distensão. Que força é essa que causa a distensão? Por que a violência, a pressa, o ímpeto de desprendimento?

E assim já vemos mais claramente a condição da filosofia: admiração, sim, pasmo diante do imediato, para arrancar-se violentamente dele e se lançar a outra coisa, a uma coisa que se deve procurar e perseguir, que não nos é dada, que não entrega sua presença. E aqui já começa o penoso caminho, o esforço metódico por essa captura de alguma coisa que não temos e necessitamos ter, com tanto rigor, que faz nos arrancarmos daquilo que já

temos sem o ter perseguido.

Sem indicar por enquanto qual a origem e significação da violência, fica suficiente afirmar que para que certos seres daqueles que ficaram presos na admiração originária, no primitivo *zaumasein*, não se resignem diante do novo giro, não aceitem o caminho da violência. Alguns dos que sentiram sua vida suspensa, sua vista enredada na folha ou na água, não puderam passar ao segundo momento em que a violência interior faz fechar os olhos à procura de outra folha e de outra água mais verdadeira. Não, nem todos foram pelo caminho da verdade trabalhosa e ficaram atados ao presente e ao imediato, ao que entrega sua presença e doa sua figura, ao que treme de tão próximo; eles não sentiram violência alguma ou talvez não sentiram essa forma de violência, não se lançaram à procura do ideal, nem se dispuseram a subir com esforço o caminho que vai do simples encontro com o imediato até aquilo permanente, idêntico, Ideia. Fieis às coisas, fieis à sua primeira admiração extática, nunca se dedicaram a se desgarrar delas; não puderam, porque a própria coisa já tinha se fixado neles, estava no seu interior. O que o filósofo perseguia, o poeta, de alguma maneira, já o tinha dentro de si; de alguma maneira, sim, de qual diferente maneira.

Qual era essa diferente maneira de já ter a coisa, que fazia justamente que não pudesse nascer a violência filosófica? E o que produzia, pelo contrário, um gênero especial de desassossego e uma plenitude inquietante, quase terrível? Qual era este possuir doce e inquieto que acalma e não basta? Sabemos que se chamou poesia – e talvez algum outro nome apagado? E desde então, o mundo se divide em dois caminhos. O caminho da filosofia, em que o filósofo impulsionado pelo violento amor ao que buscava abandonou a superfície do mundo, a generosa urgência da vida, baseando em uma primeira renúncia para a posterior posse total. O ascetismo tinha sido descoberto como instrumento desse gênero de ambicioso saber. A vida, as coisas, tudo seria exprimido de uma maneira implacável, quase cruel. O pasmo primeiro será transformado em interrogação persistente; a inquisição

do intelecto começou seu próprio martírio e também o da vida.

O outro caminho é o do poeta. O poeta não renunciava nem simplesmente procurava, porque já tinha. Tinha aquilo diante de si, diante dos seus ouvidos, olhos e tato, aquilo que aparecia; tinha o que olhava e escutava, o que tocava, mas também o que aparecia nos seus sonhos, e seus próprios fantasmas interiores misturados de tal forma com os outros, com os que vagavam lá fora, que juntos formavam um mundo aberto onde tudo era possível. Os limites se alteravam de tal modo que por fim não existiam. Os limites do que o filósofo descobre, por sua parte, vão se delimitando e diferenciando de tal maneira que já se formou um mundo com sua ordem e perspectiva, onde já existe o princípio e o “princiado”; a forma e o que está sob ela.

O caminho da filosofia é o mais claro, o mais seguro; a filosofia venceu no conhecimento, pois conquistou algo firme, algo tão verdadeiro, compacto e independente que é absoluto, que não se apoia em nada e é apoio para tudo. A aspereza do caminho e a renúncia ascética foi plenamente compensada.

Em Platão, o pensamento, a violência pela verdade, enfrentou uma batalha tão tremenda como a poesia; se se sente seu estrondo em inúmeras passagens de seus diálogos, diálogos dramáticos em que as ideias lutam, e sob elas há lutas ainda maiores. A maior delas, talvez, é a de se ter decidido pela filosofia quem parece ter nascido para a poesia. E tanto é assim que em cada diálogo resvala nela, comprovando sua razão, sua justiça, sua fortaleza. Mas também é ostensivo que, nas passagens mais decisivas, quando já parece esgotado o caminho da dialética e como um mais além das razões, irrompe o mito poético. É assim na *República*, em *O banquete*, no *Fédon...* de tal maneira que ao terminar a leitura desse último, o mais impressionante e dramático de todos, fica-nos a dúvida sobre a íntima verdade de Sócrates. E a ideia do mestre de rua, sua vocação de pensador andarilho, vacila. Qual era o seu íntimo saber, qual a fonte da sua sabedoria, qual a força que manteve tão bela e clara sua vida? Quem diz que a “filosofia é uma

preparação para a morte” abandona a filosofia ao chegar nos seus umbrais e, já em vias de atravessá-los, faz poesia e zombaria. É que a verdade era outra? Já tocava alguma verdade para além da filosofia, uma verdade que somente podia ser revelada pela beleza poética; uma verdade que não pode ser demonstrada, mas sim sugerida por esse *mais* que expande o mistério da beleza sobre as razões? Ou é que as verdades últimas da vida, as da morte e do amor, são, embora perseguidas, achadas por doação, por achado venturoso, pelo que depois se chamaria “graça” e que em grego já tinha seu bonito nome *jaries, carites*?

Em todo caso, Sócrates, com seu misterioso “demônio” interior e sua clara morte, e Platão, com sua filosofia, parece sugerir que um pensar puro, sem nenhuma mistura poética, não tinha feito nada além de começar. E o que pudesse ser uma “pura” filosofia ainda não possuía forças suficientes para abordar os temas mais decisivos, que se apresentam para um homem atento ao seu tempo.

A poesia perseguia, portanto, a multiplicidade desdenhada, a menosprezada heterogeneidade. O poeta encantado pelas coisas se apega a elas, a cada uma delas, e as segue através do labirinto do tempo, da mudança, sem poder renunciar a nada: nem a uma criatura nem a um instante dessa criatura, nem a uma partícula da atmosfera que a envolve, nem a um matiz da sombra que lança, nem do perfume que exala, nem do fantasma que já suscita em ausência. É que ao poeta não importa a unidade? É que fica vagabundamente – imoralmente – apegado à multiplicidade aparente, por falta de vontade ou preguiça, por falta de ímpeto ascético para perseguir essa amada do filósofo: a unidade?

Desse modo tocamos talvez no ponto mais delicado de todos: o que provém da consideração “unidade-heterogeneidade”. Nas linhas anteriores, indicamos as divergências do caminho do filósofo e do poeta, em que este permanece nessas aparências e aquele se dirige em direção ao ser oculto por trás delas. O ser tinha sido definido com unidade, por isso estava oculto, e

essa unidade era sem dúvida o ímã suscitador da violência poética. As aparências se destroem umas às outras, estão em guerra constante, quem vive nelas, perece. É preciso, primeiro, “salvar-se das aparências”, e logo salvar as próprias aparências: resolvê-las, colocá-las coerentes com essa unidade invisível. E quem alcançou a unidade alcançou também todas as coisas que são, pois enquanto são, participam dela ou, enquanto são, são uma. Quem tem, portanto, a unidade, tem tudo. Como não explicar a urgência do filósofo, a violência terrível que lhe faz romper as correntes que o amarram à terra e aos seus companheiros; qual ruptura não estaria justificada por essa esperança de possuir tudo, tudo? Se Platão nos é tão sedutor no “mito da caverna”, é porque nele descobre para nós a esperança da filosofia, a esperança que é a justificativa última, total. A esperança da filosofia nos mostrando que a tem, pois religião, poesia, e até essa forma especial da poesia que é a tragédia, são formas da esperança, enquanto a filosofia fica desesperançada, desolada. E talvez os filósofos não tenham feito outra coisa senão isso; ao final das suas cadeias de razões feitas para romper as correntes do mundo e da natureza, há algo que também as rompe e que às vezes se chama “vida teórica”, às vezes “amor do *intellectualis*”, às vezes “autonomia da pessoa humana”.

É preciso salvar-se das aparências, diz o filósofo, em busca da unidade, enquanto o poeta adere a elas, às sedutoras aparências. Como pode, sendo humano, viver tão disperso?

Assombrado e disperso é o coração do poeta – “meu coração batia, atônito e disperso”². Não resta dúvida de que este primeiro momento de assombro se prolonga muito no poeta, mas não nos enganemos, acreditando que é seu estado permanente, do qual ele não pode sair. Não, a poesia tem também seu voo; tem também sua unidade, seu mais além.

Se o poeta não tivesse seu voo, não haveria poesia, não haveria palavra. Toda palavra requer um distanciamento da realidade à qual ela se refere; toda palavra é, também, um livrar-se para quem a pronuncia. Quem fala,

*image
not
available*

modernos e dos desconhecidos, já que era capaz de inventar outros. O logos traía a si mesmo na poesia, funcionava de maneira ilegítima. Acontece que a poesia, embora palavra, não era razão. Como é possível esse divórcio?

O logos – palavra e razão – é cindido pela poesia, que é a palavra, sim, porém irracional. É, na realidade, a palavra posta a serviço da embriaguez. E na embriaguez, o homem é já outra coisa do que homem; alguém vem habitar seu corpo; alguém possui sua mente e mexe sua língua; alguém o tiraniza. Na embriaguez, o homem dorme, cessa preguiçosamente no seu desvelo e já não se esforça na sua esperança racional. Não apenas fica conformado com as sombras da parede na caverna, como, ultrapassando sua condenação, cria novas sombras e chega até falar sobre elas e com elas. Trai a razão usando seu veículo: a palavra, para deixar que as sombras falem por ela, para fazer dela a forma do delírio. O poeta não quer se salvar; vive na condenação e, mais ainda, a estende, alarga, afunda. A poesia é realmente o inferno.

O inferno, que é – como séculos mais tarde diria um poeta platônico – “o lugar onde não se espera”, é também o lugar da poesia, porque a poesia é o único rebelde diante da esperança da razão. A poesia é embriaguez e só se embriaga quem está desesperado e não quer sair desse estado, quem faz do desespero sua forma de ser, sua existência.

E assim é o mundo da tragédia. Mas também no mundo da lírica grega. Embriaguez e canto; canto e pânico, imensa melancolia de viver, de desfazer os instantes um por um, para que passem sem salvação. E a morte. A poesia não aceita a razão para morrer; a razão como aquilo que vence a morte. Para a poesia, nada vence a morte, a não ser – momentaneamente – o amor. Só o amor. Mas o amor desesperado, o amor que caminha, irremissivelmente, em direção à morte.

A razão como esperança. Mas à custa de muita renúncia. E quem consolará o poeta do minuto que passa, quem irá persuadi-lo para que aceite a morte da rosa, da frágil beleza da tarde, do cheiro dos cabelos amados,

*image
not
available*

púrpura caindo da sua testa de marfim por cima das suas bochechas rosadas. Não separe demais as suas sobrancelhas, porém não as confunda; imita a negra curva dos seus cílios tal como ela as tem, elevadas e tímidas”. Não te separe, portanto, fazedor de fantasmas, dos mais insignificantes e por isso mais preciosos detalhes, desse fantasma tão real para o meu coração, para meus olhos: este fantasma, estas aparências, mais reais que nenhuma outra coisa no mundo.

Como convencer o amante da irrealidade do fantasma da beleza amada? Da sua morte não é preciso convencer, pois já a chora; mas que algo morra não quer dizer que seja irreal.

Porque o nó está na morte. O filósofo desdenha das aparências porque sabe que são passageiras. O poeta também o sabe, e por isso se agarra a elas; por isso as chora antes que passem, as chora enquanto as tem, porque as sente indo embora. Os cabelos negros da amada embranquecem enquanto são acariciados e os olhos vão imperceptivelmente velando seu brilho. E por isso são mais amados, mais irrenunciáveis.

Desta melancolia funerária das belas aparências, o filósofo se salva pelo caminho da razão. A razão é realmente a esperança. Mas à custa de quanta renúncia? Porém, o poeta não renuncia. Ninguém o convencerá disso. Ninguém o consolará de ver o dia indo embora, nem o persuadirá para que aceite a transformação dos olhos amados em cinza; a desapareição na neblina do tempo, do fantasma querido. Ninguém nem nada.

E este não se conformar diante da inexorável desapareição da beleza oferece uma fatal consequência para a vida: a destruição, a perpétua ameaça de toda ordem que seja estabelecida. Destruição da ordem, porque é destruição da unidade.

As palavras platônicas são taxativas. Existe uma contradição no homem, entre o que na sua alma segue a razão e a lei, e aquilo que é paixão. E o mais irrenunciável para a poesia é a dor e o sentimento: por isso a poesia mantém a memória das nossas desgraças. E mais ainda, nos faz ter simpatia por

*image
not
available*

quero delirar”.

Quer delirar, porque no delírio alcança a vida e a lucidez. No delírio nada tem de seu, nenhum segredo; nada opaco no seu ser. Se consome ardendo como a chama, e canta e fala. Porque o poeta vive preso na palavra, é seu escravo.

O filósofo quer possuir a palavra, se transformar em dono dela. O poeta é seu escravo; se dedica a ela, se consome por ela. Se consome por inteiro, fora da palavra ele não existe nem quer existir. Quer, quer delirar, porque no delírio a palavra brota em toda sua pureza originária. Deve-se pensar que a primeira linguagem teve que ser delírio. Milagre verificado no homem, anunciação, no homem, pela palavra. Verificação diante da qual o homem, já poeta, não pôde senão dizer: “Faça-se em mim”. Faça-se em mim a palavra e seja eu nada mais que sua morada, seu veículo. O poeta se dedica à palavra, seu único fazer é este fazer-se nele. Por isso o poeta não toma nenhuma decisão, por isso também é irresponsável.

É a acusação de tantos séculos contra o poeta, mesmo para além da poesia. Mais coerente consigo mesmo, mais leal até as últimas consequências, mais extremista, com toda a crença, Platão também decretou a condenação da poesia. Depois ninguém se atreveu a tanto, mas sim aceitaram a poesia, vencidos pelo seu encanto, confinando o poeta, porque o poeta, na verdade, não é responsável. Não sabe o que diz. Platão enfrenta ninguém menos que Homero, o venerado, e lhe pede satisfação. Possui, diz, todos os saberes sem possuir nenhum deles.

E custa muito dizer que Platão não soube fazer justiça ao poeta. O poeta não sabe o que diz, e mesmo assim tem uma consciência, um tipo de consciência. Uma especial lucidez privada do poeta e sem a qual Platão não poderia ter escrito tantas e tantas páginas. E se algo o poeta ganhou através dos séculos, é esta lucidez, esta consciência desperta, cada vez mais desperta e lúcida, como testemunham os poetas modernos, como verifica o pai de todos eles, Baudelaire. Lucidez que faz mais valiosa, mais dolorosa, a

*image
not
available*

Mística e poesia

Acontece que a poesia foi, em todos os tempos, viver segundo a carne. Foi o pecado da carne feito palavra, eternizado na expressão, objetivado. O filósofo, na altura à qual Platão tinha chegado, tinha que olhar com horror para ela, porque era contradição do logos em si mesmo, ao se voltar para o irracional. A irracionalidade da poesia se concretizava da maneira mais grave: a rebeldia da palavra, a perversão do logos funcionando para descobrir o que deve ser calado, porque não é. Em resumo, uma falsa verdade. Verdade porque se mostra como a verdade na palavra, pelo caminho da sua aparição. E falsa porque descobre aquilo que, por não alcançar a suprema categoria de ser, não tem por que se manifestar.

A poesia era uma heresia diante da ideia de verdade dos gregos. E também diante da sua exigência de unidade, porque trazia a dispersão do modo mais perigoso: fixando-a. Heresia também diante da moral e diante de algo mais grave que a própria moral e anterior a ela, diante da religião da alma (orfismos, cultos dionisiacos), porque era a carne expressada, feita ente pela palavra.

O grego, na realidade, não se atrevia a rechaçar a carne como séculos depois viria fazer o cristianismo, primeiramente pela boca de São Paulo. Nunca o fez, mas se diria que estava desejando alguém que encontrasse motivo para fazê-lo. Este alguém, antes de São Paulo, foi Platão. E, de fato, a incompreensão que “o Apóstolo das pessoas” encontrou em Atenas para sua predicação foi por motivo contrário ao desprezo da carne. Foi porque vinha, justamente, anunciar sua ressurreição. Porque veio mostrar a mística cristã no aspecto mais estranho para o ascetismo intelectual que os filósofos deixaram penetrada na mente grega, e contradizendo a aspiração religiosa que emanava dos melhores círculos: o horror à carne e às paixões; a sonhada

*image
not
available*

verdade, de um paradoxo da natureza humana. A natureza do homem é a razão. Esta identificação de natureza humana e razão é uma das batalhas decisivas que ganha Platão, e ganha em todos estes séculos que nos separam dele⁸. Por natureza entendemos a maneira de ser de uma coisa que o é por si mesma, isto é, que seu ser não é feito pelas mãos do homem. E a natureza do homem – a razão – é algo que o homem não acaba de ter, mas sim que deve recuperar, reconquistar.

Esta reconquista começa com a separação do meio estranho em que caiu, começa com a *catharsis* das paixões, produto da sua ligação com o corpo-tumba. Depois, virá o caminho da dialética que a razão, já sozinha e recolhida em si mesma, percorre até a ideia do bem, que é o divino, do qual a alma humana é, *sui generis*, parente. A filosofia, pois, realiza nada menos que o encontro da alma consigo mesma, a redescoberta da sua própria natureza. Ao longo de vários diálogos, Platão repete a mesma ideia, principalmente no *Fédon*, que é onde esta esperança racionalizada pela filosofia se revela: “Mas uma purificação não é justamente o que diz a antiga tradição? Colocar, dentro do possível, a alma separada do corpo e acostumá-la a se fechar e a se recolher sobre si mesma, a viver, no que seja possível nas atuais circunstâncias e nas que virão, isolada em si mesma e desprendida do corpo como de uma corrente?”⁹. O conhecimento é, então, purificação, separação da alma das suas correntes, para se reintegrar à sua verdadeira natureza. O “saber desinteressado” vem a ser o mais profundamente interessado de todos, posto que, na realidade, não é um acrescentar nada, mas sim simplesmente um transformar a alma, um fazê-la ser, já que “quem contempla se faz semelhante ao seu objeto de contemplação”¹⁰.

O caminho de tal contemplação é o da dialética, o movimento da razão por si mesma já desprendida de tudo:

Assim quando um homem tenta pela dialética e sem recorrer a nenhum dos sentidos, usando a razão para se dirigir à essência de cada coisa sem se deter antes de ter sabido apenas pela inteligência, a essência do bem, chega ao limite do

*image
not
available*

espontâneo de todo ser vivente ao se agarrar à sua própria carne. Não, poesia é viver na carne, penetrando-a, sabendo da sua angústia e da sua morte.

As consequências não se limitariam apenas à poesia, mas para todas as questões fundamentais da vida; a sorte do não nascido cristianismo foi decidida ali, ao se fundar filosoficamente o ascetismo.

E este ascetismo deveria ser o elo mais forte e profundo entre religião cristã e pensamento grego. E se em algum lugar, o ascetismo se desenhava com mais firmeza e clareza, não há dúvida que era no pensamento platônico, tão vivo e crescente no momento em que o cristianismo aparecia.

Mas o que significa, em Platão, este ascetismo e o próprio caminho percorrido pela dialética? Já vimos: o que interessa não é conhecer, o que o entendimento persegue não é o ser das coisas nem as leis do mundo. O que é perseguido é recuperar a natureza humana, resgatar a alma. O que Platão faz, na verdade, é teologia e mística; teologia por pensar ou tentar pensar, com a razão, o divino. Mística por nos oferecer o caminho para nos convertermos nisso. Catarse e dialética são senão meios para chegar a ser. E apenas isso explicaria a violência que a filosofia engendra, a força que nos faz desprender daquilo que nos rodeia, do nosso próprio invólucro, das nossas paixões. Se Platão condena as paixões é, simplesmente, por querer salvar o lugar onde as paixões se assentam, por querer salvar a alma. Parece que já antes este desejo germinava: salvar a alma. E certamente não entre os poetas, mas em certos círculos religiosos que já mencionamos. Platão parece ser seu instrumento, quem racionalizou e, portanto, deu segurança a estes desejos um tanto quanto delirantes. Levou a segurança do pensamento – ser, unidade, ideia – para aquilo que pulsava como gemido, como ânsia irrenunciável nos cultos órficos e dionisíacos. Pela primeira vez, foi claramente pensado aquilo que tão obscuramente se sentia. Os símbolos se tornaram pensamentos claros e os mistérios foram substituídos pelas ideias. Matemática e desejo irracional pela primeira vez se uniram. Platão fez teologia¹⁵.

*image
not
available*

O poeta sente a angústia da carne, sua cinza, antes e mais do que os que a querem aniquilar. O poeta não quer aniquilar nada, nada, principalmente, nada das coisas que o homem não fez. Rebelde diante das coisas feitas pelo homem; é humilde, reverente, com o que encontra diante de si e ele não pode desmontar: com a vida e seus mistérios. Vive no interior desse mistério como se dentro de uma prisão e não pretende saltar os muros com perguntas desrespeitosas. Eterno apaixonado, nada exige. Mas lentamente seu amor penetra tudo.

O poeta vive segundo a carne e, mais que isso, vive dentro dela. Mas a penetra aos poucos, vai entrando em seu interior, vai se fazendo dono dos seus segredos e ao fazê-la transparente, a espiritualiza. Conquista a carne para o homem, porque a absorve, a faz deixar de ser estranha.

Poesia é, sim, luta com carne, trato e comércio com ela, que desde o pedaço – “loucura do tempo” – leva até a caridade. Caridade, amor à própria carne e à alheia. Caridade que não pode decidir romper os laços que unem o homem com tudo o que é vivo, companheiro de origem e criação.

Porque o pedaço da carne é seguido da graça da carne: a caridade. Pecado carnal e caridade são frutos cristãos, mas os dois estão a ponto de sair do seu sonho nas páginas do *Fedro*, do *Fédon* e de *O banquete*. De um momento a outro, parece que vão surgir as duas palavras que só o cristianismo trouxe.

Se aproxima delas – pecado, caridade – tanto como se aproxima da poesia. A poesia que as carregava consigo; são suas próprias entranhas, são o que a constituem. Mas a poesia demorou muito tempo para saber disso; sufocada pelo seu tesouro, nunca parou para contá-lo. Nunca virou os olhos, os tristes olhos, para si. Nunca – generosa e desesperada – se ocupou de si como a filosofia fizera desde o primeiro momento.

O poeta não se dá o trabalho de fazer a recontagem dos seus bens e dos seus males o inventário da sua fortuna. Porque o poeta não pode saber quem é – nem sabe o que procura. O filósofo, por sua vez, sabe o que procura e se define por isso – *filo-sofo*. O poeta, como não procura, mas encontra, não

*image
not
available*

salvo da sua total destruição. No ascetismo dominante que uniu filosofia grega e religião cristã, o amor e seu culto, houve um lugar para religião do amor, a antiga religião do amor, dos mistérios. Através do pensamento platônico, unem-se não apenas filosofia grega e cristianismo, mas a religião do amor e da alma, que sob diversos nomes existia, e o cristianismo. Sem este pensamento mediador, isso teria ficado completamente aniquilado, oculto e, talvez, produzisse graves transtornos com inexplicáveis aparições parciais e desesperadas.

Porque o cristianismo, religião triunfante que viveu na cultura triunfante do Ocidente, anulou algumas religiões anteriores, cujo rastro não tem, hoje, nem forma nem nome, mas que, sem dúvida, se entrelaçam com a religião católica que teve a flexibilidade de absorver as particularidades onde elas existiam. E há, sem dúvida, cultos esquecidos a deidades desconhecidas, que vivem obscuramente sob outros nomes. Assim teria acontecido com o amor, caso o mediador Platão não tivesse mediado o pensamento.

O amor foi salvo pela sua “ideia”, isto é, sua unidade. Se salvou porque, partindo da dispersão da carne, carrega a unidade do conhecimento, porque seu ímpeto irracional é divino, pois ascende em direção ao divino. A primeira ideia que se tem do amor já é mística. Por isso é um grande erro aquilo que tantas vezes se disse: que o amor místico é uma cópia do amor carnal tal como se dá. É justamente o contrário: o amor carnal, o amor entre os sexos, viveu “culturalmente”, isto é, na sua expressão, sob a ideia do amor platônico, que já é mística. E nas épocas em que o amor foi uma força social, nesses brilhantes momentos do final da Idade Média e do Renascimento, todo apaixonado manifestava seu amor em termos platônicos, e o que é ainda mais grave: se assim o dizia, era porque o próprio apaixonado assim sentia o amor, porque assim dizia para si mesmo. E assim era. Graças ao platonismo, o amor teve a categoria intelectual e social. Foi possível amar sem que fosse uma coisa escandalosa.

Graças a esta salvação do amor, pôde existir a poesia dentro da cultura

*image
not
available*

Poesia e metafísica

Pareceria natural que após a reconciliação entre pensamento e poesia, operada sob o céu das ideias platônicas, pensamento e poesia não voltassem a ser irreconciliáveis. Teria sido assim se não houvesse no mundo pensamentos para além da filosofia platônica. No entanto, depois, muito depois de Platão pedir o poder para o pensamento filosófico, outros se lançaram à mesma tarefa, porém com desígnios bem diferentes.

Porque vimos que Platão, que desprezou a poesia, que ergueu a razão em um império mais alto que qualquer outro tivera feito, estava tomado por um desígnio mais generoso e universal, mais verdadeiramente amante da unidade do que encontramos, à primeira vista, na sua condenação da poesia. Por isso a filosofia não lhe bastou, e ele teve que fazer teologia, teve que descobrir a mística, fortalecendo-a, fundamentando-a, explicando-a, mas nem todos os filósofos procederam da mesma maneira. Muito tempo depois, na vida dessa parte do mundo chamada Europa, e no momento histórico chamado Época Moderna, a filosofia voltou a nascer pela segunda vez, renasceu, e com isso suas pretensões imperiais foram apresentadas novamente, porém de uma maneira já diferente.

Porque a primeira esperança tinha ficado fundada. A Idade Média e o Renascimento tinham recolhido esta herança platônico-cristã, e era tal sua firmeza, que até dentro do ascetismo tinha sido aberto lugar para o prazer. Como vimos, algo tinha sido salvo do ascetismo, não pelo lado cristão, mas pela via platônica: era justamente o amor, o amor platônico. E é tanta a sua riqueza, tão profunda sua fecundidade, que chega até a arte, a arte plástica mais longe ainda, mais “irracional” que a arte da palavra. A própria pintura se enche de logos, é penetrada por ideia e sentido. Leonardo da Vinci é o pintor platônico em quem a tradição preciosíssima do chamado *Quattrocento*

plenamente desde Kant, o Kant da razão prática, Fichte, Schelling, até Hegel, onde o afã religioso exige uma adequação exata com a razão. Em Hegel, a razão, no outro extremo de Platão, também faz teologia. Talvez não seja exagerado chamar este período do pensamento filosófico de *metafísica da criação*.

Na ordem do conhecimento se quer encontrar a fundamentação da ciência, isto é, do conhecimento que já se possui, mas, pelo visto, possuí-lo não é suficiente, caso não seja possuído desde a última raiz. Se trata, realmente, de um conhecimento ambicioso. Pois, na verdade, chegar à fundamentação do conhecimento é saber tanto das coisas como se saberia se nós mesmos as tivéssemos criado. É conhecer a própria raiz do ser. É conhecer absolutamente.

Mas tal conhecimento implica, naturalmente, em que o próprio homem fique posto em último lugar, como fundamento do ser das coisas. O homem é o sujeito de um conhecimento fundamentador. Daqui se teria que forçosamente chegar à autonomia da consciência, de Kant, pois quem determinará o próprio homem, onde será encontrada sua fundamentação? O ser já não está aí como nos tempos da Grécia, nem como na Idade Média, como algo em que o meu ser, meu próprio ser, está contido, ainda que de maneira diferente das demais coisas. O ser já não é independente de mim, pois em rigor só o encontro em mim, e as coisas se fundamentam em algo que eu possuo. Só a pessoa humana ficará isenta, livre, fundando-se a si mesma.

Autonomia da pessoa humana. Algo que antes apenas alguém podia fazer, apenas um podia determinar a si próprio: a divindade. Agora, sim, realmente, era o homem a imagem e semelhança de Deus, mas tão imagem que na verdade não era imagem, isto é, reflexo, cópia, lampejo, mas era como se concebia Deus antes, livre e criador. Criador.

Este era, pelo que parece, o programa do pensamento; programa claramente religioso. A razão ia pelo leito de uma desmedida ambição

religiosa. O homem queria ser. Ser criador e livre. E assim: ser único. São os passos, sem dúvida decisivos, da história moderna, disso que se chama Europa. E sua angústia e sua tragédia.

A metafísica da criação. Nada mais natural que, dentro dela, a criação artística tenha seu lugar e mesmo seu lugar central, pois no fim o ato da criação é um ato estético, de dar forma. O que há no centro desta metafísica, como já se vê ao se aproximar delas, é a ação. A ação que arranca da vontade e termina no ato de dar forma. A noção de arte não é que venha a ser admitida, mas sim que será central, definitiva, em alguma forma desta metafísica da criação. O ato criador por *autonomasia*, no qual se mostra a identidade daquilo que aparecia separado por um abismo: o espírito e a natureza. A arte, longe de ser forjador de sombras e fantasmas, é a revelação da verdade mais pura, é a manifestação do absoluto. Em vez de pretender eternizar o que é contraditório, é a manifestação mais imediata da identidade. A arte, nesta metafísica que se realiza – até onde é possível que uma metafísica se realize – em Schelling, cumpre com uma função que é parte da própria criação divina. As formas da arte são cópia direta, revelação imediata das ideias divinas, das ideias que agiram na criação. Diz H. Heimsoeth:

As ideias eternas ou as autointuições de Deus – anteriores como a própria identidade absoluta a todo antagonismo do subjetivo e do objetivo, do natural e do espiritual – são os arquétipos de todas as realidades que se desdobram em graus e diferenças, são as formas das coisas tal como estas são no Absoluto; são as próprias e verdadeiras coisas em si. E esta é a grande função metafísica da Arte: apresentar *in concreto* estas Ideias em imagens fiéis e no próprio produto sensível, infinito. Sem o saber, o gênio artístico revela “o interior dessa natureza bem aventurada em que não há nenhuma oposição”.

“As formas da arte são as formas das coisas em si e como elas são nos arquétipos”, e conclui no mesmo parágrafo: “As ideias que a filosofia só consegue interpretar no sistema abstrato se fazem objetivas através da arte,